# O desvirtuar do correto

*Ensaio sobre a retidão em tempos de aparência*

Há uma hora do dia em que a casa silencia e cada um fica a sós com aquilo que fez. As luzes da rua se acendem, o telefone enfim repousa sobre a mesa, e ninguém mais nos observa. É nessa hora, desarmada e sem testemunhas, que uma pergunta antiga volta a bater à porta: fui correto hoje, ou apenas fui aceito?

A pergunta incomoda porque, durante muito tempo, as duas coisas pareceram uma só. Meu avô costumava dizer que o nome de um homem era o único bem que ele levava consigo, e que esse nome se construía devagar, gesto por gesto, palavra cumprida por palavra cumprida. Quem agia com retidão encontrava, cedo ou tarde, o respeito dos seus. E o respeito dos seus servia como espelho, imperfeito, às vezes injusto, mas ancorado em valores que se pretendiam duradouros.

Algo se partiu nesse caminho. A aprovação dos outros, que antes vinha como consequência do bem praticado, passou a ser buscada por si mesma. E quando a aprovação se torna o fim, o bem se torna apenas um meio, e todo meio pode ser trocado por outro mais rápido, mais barato, mais vistoso. Basta que o aplauso continue a chegar.

Seria injusto dizer que o socialmente correto nasceu do mal. Ele nasceu, quero crer, de uma intenção generosa: ensinar a convivência entre diferentes, poupar o outro da ofensa gratuita, lembrar que existem dores que não enxergamos porque nunca nos feriram. Há nele um fundo de compaixão que merece respeito.

O problema começa quando a compaixão vira protocolo. Toda virtude que se converte em fórmula corre o risco de perder a alma, porque a fórmula pode ser repetida sem que nada se mova por dentro. Aprendemos as palavras certas e esquecemos o gesto certo. Dominamos o vocabulário da empatia e perdemos o hábito da presença.

Sabemos discursar sobre a solidão dos idosos e não encontramos dez minutos para telefonar à própria mãe. Compartilhamos campanhas contra a fome distante e passamos apressados pelo homem que dorme na calçada da nossa rua, porque ali não há câmera, nem plateia, nem reconhecimento que nos absolva. Defendemos em público causas que, na vida privada, não nos custam um único sacrifício.

Eis o desvirtuamento. O correto pede consciência; o socialmente correto, tantas vezes, se satisfaz com a conformidade. O primeiro pergunta o que é justo. O segundo pergunta apenas o que vão pensar. E entre essas duas perguntas cabe toda a distância que separa um homem íntegro de um homem bem adaptado.

A conformidade tem um encanto difícil de resistir. Dispensa o pensamento, oferece abrigo, espalha a responsabilidade entre tantos que ela já não pesa sobre ninguém. Quem segue a corrente nunca é acusado de nadar contra ela. Fazemos o que todos fazem, indignamo-nos com o que todos se indignam, esquecemos o que todos esquecem. E vamos, aos poucos, deixando de ser alguém para sermos apenas um eco.

O que mais me assusta nisso é perceber que boa parte das injustiças do mundo não nasce de gente perversa. Nasce de gente comum que preferiu não pensar. Do funcionário que viu e calou porque não era problema seu. Do vizinho que ouviu os gritos através da parede e aumentou o volume da televisão. Do cidadão que repetiu a mentira porque todos já a repetiam. A omissão confortável é a semente silenciosa de quase todos os grandes males.

Perdemos também a medida das coisas. Tudo agora é demais: a exposição, o consumo, a pressa, o ruído, o julgamento. Condenamos alguém em segundos por uma frase arrancada do seu contexto e, no dia seguinte, já esquecemos o nome de quem ajudamos a destruir. Elogiamos sem sinceridade e criticamos sem conhecimento. Opinamos sobre tudo e refletimos sobre quase nada. Compramos o que não precisamos, com o dinheiro que não temos, para impressionar quem sequer nos conhece.

A destemperança deixou de ser um defeito pessoal para tornar-se estilo de vida, quase uma exigência. Quem fala baixo não é ouvido. Quem pondera é tido por indeciso. Quem se recolhe é esquecido. Quem pede tempo para pensar já chegou tarde à conversa. E assim a moderação, que nossos pais ensinavam como sinal de maturidade, passa por antiquada, quando não por suspeita.

Há uma ironia amarga nisso. Nunca tivemos tanta liberdade para escolher, e nunca escolhemos com tanta precipitação. Nunca tivemos tanto acesso ao conhecimento, e nunca julgamos com tanta ignorância.

O mundo das aparências guarda uma crueldade silenciosa. Obriga-nos a parecer felizes quando estamos tristes, prósperos quando estamos endividados, seguros quando estamos perdidos, plenos quando estamos vazios. E como todos parecem estar bem, cada um acredita ser o único a sofrer, o que torna o sofrimento ainda mais solitário.

Ao longo de tantos anos ouvindo pessoas, conheci homens que exibiam carros reluzentes e escondiam a angústia de não conseguir pagar a escola dos filhos. Conheci mulheres que sorriam nas fotografias e choravam no banho, onde o barulho da água disfarça o soluço. Conheci jovens que mediam o próprio valor pelo número de desconhecidos que aprovaram uma imagem, e que adoeciam em silêncio quando essa aprovação não vinha. Vi pais assistindo à apresentação escolar do filho através da tela do celular, ocupados em registrar um momento que, por isso mesmo, deixaram de viver.

Já vi, num velório, gente fotografando o próprio luto para publicá-lo. Já vi, num quarto de hospital, alguém posar ao lado do leito de um enfermo para mostrar ao mundo a sua solidariedade. O gesto bom que precisa ser exibido para existir já carrega dentro de si o começo do seu próprio esvaziamento.

Ninguém ensinou a essas pessoas que a vida verdadeira acontece fora do enquadramento. Que os momentos mais importantes da existência raramente são fotogênicos. Que o amor se prova na madrugada ao pé de uma cama, na paciência com quem envelhece e repete a mesma história pela décima vez, no perdão concedido sem que ninguém fique sabendo.

E há um preço que raramente se confessa. Quem passa a vida representando acaba por não saber quem é quando a cortina desce. A máscara, usada por tempo demais, gruda no rosto. Escondemo-nos atrás de um papel, de um cargo, de uma expectativa alheia, para não encararmos a vertigem de sermos livres e, por isso mesmo, responsáveis por aquilo que escolhemos ser.

Essa ausência de si cobra juros. Aparece na ansiedade que não sabe dizer o próprio nome, no cansaço que nenhum descanso cura, na sensação difusa de que a vida está passando ao lado, como um trem que vemos da plataforma. Muitas das angústias do nosso tempo nascem da distância entre aquilo que somos e aquilo que fingimos ser. Quanto maior a distância, maior o esforço para sustentá-la; e nenhuma alma suporta esse esforço para sempre.

Penso muitas vezes no que faríamos se ninguém pudesse nos ver. Se tivéssemos a certeza absoluta de que nenhum olhar, nenhuma câmera, nenhuma lembrança alheia registraria nossos atos. Continuaríamos justos? Nosso tempo responde a essa pergunta de um jeito curioso: muitos só praticam o bem quando há quem veja, e só se abstêm do mal quando há quem fiscalize. A retidão passou a depender de testemunhas.

E, no entanto, é justamente no invisível que o caráter se revela. O valor de uma pessoa se mede pelo que ela faz quando ninguém está olhando: no troco dado a mais que ela devolve, na palavra que ela cumpre mesmo depois de esquecida pelos outros, no segredo que ela guarda, na maledicência que ela se recusa a repetir. Ali, onde não há aplauso nem castigo, mora a verdade de cada um.

Fazer o correto, quando o correto não está na moda, exige coragem. Não a coragem ruidosa dos heróis de ocasião, mas uma coragem miúda, cotidiana, quase sempre anônima.

A coragem de dizer a verdade com delicadeza a quem preferia ouvir uma mentira. A coragem de defender o ausente numa roda de maledicência, sabendo que, ao fazê-lo, nos tornamos o próximo assunto. A coragem de recusar a vantagem fácil, o atalho torto, o favor que compra a consciência. A coragem de discordar da maioria com serenidade, sem arrogância

e sem medo. A coragem de pedir perdão. A coragem de admitir que não sabemos.

Essas pequenas fidelidades não rendem aplauso e não aparecem em retrospectiva alguma de fim de ano. Rendem algo mais raro e mais valioso: a paz de deitar a cabeça no travesseiro sem precisar mentir para si mesmo. E quem conhece essa paz sabe que nenhum reconhecimento do mundo a substitui.

Não escrevo como quem aponta do alto de uma torre. Escrevo como quem também tropeça.

Quantas vezes calei para não desagradar. Quantas vezes sorri para não parecer deselegante, concordei apenas para encerrar uma conversa que me cansava, guardei o que pensava porque o momento parecia impróprio. Em cada uma dessas vezes, um pedaço pequeno de mim ficou pelo caminho. Pequeno demais para ser notado no dia, grande o bastante para pesar quando somado aos anos.

Aprendi, com o tempo e com os erros, que a retidão se parece com a oração e com a caminhada: ninguém a conquista de uma vez para sempre, e quem deixa de praticá-la logo a perde. Ela não se pendura na parede como um diploma. Renova-se, ou se apaga, a cada pequena escolha do dia.

Aprendi também que errar faz parte da nossa condição, e que o desvio mais grave consiste em chamar o erro de acerto apenas porque muitos o cometem. A multidão pode tornar um erro comum. Jamais o tornará correto.

Talvez o caminho de volta seja mais simples do que imaginamos, embora não seja mais fácil.

Olhar o outro nos olhos, e não através de uma tela. Perguntar “como você está?” e esperar, de verdade, pela resposta, mesmo quando ela é longa e dolorosa. Medir as palavras antes de lançá-las ao mundo, lembrando que palavra dita não volta. Recolher-se de vez em quando, para ouvir a própria consciência abafada pelo barulho. Preferir ser verdadeiro a ser admirado. Fazer o bem em silêncio, e deixar que ele fale por si.

Reaprender a temperança, que é a arte de dar a cada coisa o seu peso. Reaprender a paciência, que é a arte de deixar as coisas amadurecerem no seu tempo. Reaprender a humildade, que é a arte de saber o próprio tamanho, nem maior nem menor do que ele é.

O mundo continuará a nos oferecer máscaras, vitrines e plateias. Continuará a premiar o barulho e a ignorar o silêncio, a celebrar a aparência e a esquecer a essência. Cabe a cada um de nós decidir se vai viver para ser visto ou para ser inteiro.

Quando a casa silenciar esta noite, e a pergunta antiga voltar a bater à porta, que possamos abri-la sem medo. Que possamos dizer, com a simplicidade dos que nada têm a

esconder: fui correto, ainda que ninguém tenha visto. Porque, quando as luzes do espetáculo se apagarem e as plateias se dispersarem, o que permanece de nós é apenas aquilo que fomos para aqueles que tivemos a graça de tocar.

*Renato Gonçalves da Silva*

Renato Gonçalves da Silva
*Livre-pensador*

Avaré/SP, 1º de novembro de 2026

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados. Direitos Autorais Registrados.